

PACE, Ana Amelia Coelho. Lendo e escrevendo sobre o pacto autobiográfico de Philippe Lejeune. 2012. Dissertação. 172f. (Mestrado em Letras Modernas) – Universidade de São Paulo – USP, São Paulo.

Natalia de Oliveira Ribeiro C. GOMES¹

Felizmente, o copioso estilo da realidade não é o único: há o da memória também, cuja essência não é a ramificação dos fatos, mas a perduração de traços isolados. Essa poesia é a natural de nossa ignorância e não procurarei outra.

– Jorge Luis Borges

Cativa do selado pacto da escrita desta resenha, resta-me agora o retorno autobiográfico, por onde este texto deve começar. Resenhar a dissertação de Ana Amelia Coelho Pace, *Lendo e escrevendo sobre o pacto autobiográfico de Philippe Lejeune*, leva-me diretamente ao ano de 2009.

Ouçó, nas linhas finalizadas desta pesquisa, duas meninas: um eu agora turvo, uma memória que estava em fase inicial de crescimento, princípio de uma formação por vir; e a autora da dissertação em questão, em início de mestrado. Ela, voltada para Philippe Lejeune e os pactos; eu, para as questões de gênero: ambas, para o autobiográfico, para o eu que se lança nos abismos e tropeços do escrever sobre si próprio. Falávamos de lugares distintos, sob escopos diferentes, mas dentro de uma mesma paisagem; dividimos uma orientadora, um gru-

¹ Mestranda na Universidade de São Paulo, na área de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês. Email: nanadeluca.oliveira@gmail.com

po de pesquisa, alguns congressos: um trajeto. Vivi esta dissertação enquanto ela se fazia.

E, influenciada pela leitura, desta vivência não posso me ausentar, pois Ana Amelia em seu texto não o faz: há ali uma história, um alguém que pela escrita se faz e que não se esconde em nenhum momento. Longe de serem escudos, as palavras escritas em sua dissertação compõem um mosaico de espelhos, ora refletindo a pesquisadora brasileira que escreve, procura, pergunta, ora a obra de Philippe Lejeune e seu eu pulsante na busca por outros eus escritos. Neste caleidoscópico jogo de espelhos, por vezes, os reflexos de Lejeune e de Ana Amelia Pace encontram-se, mas longe de se sobreporem, dão as mãos um ao outro. O pacto deste mosaico é o rejunte: um movimento perpétuo de transformação. Se pretendo, portanto, escrever sobre o resultado deste encontro, devo a eles dar minhas mãos também e deixar-me perder entre espelhos fraturados e pactos que se desenham.

O início da dissertação, compreendendo sua introdução e o primeiro capítulo, busca apresentar retratos que, longe de fixarem um momento concreto no espaço-tempo, possuem mobilidade, como se mágicos; transbordam as figuras e cenários entre uma moldura e outra e pousam no texto, compondo-o. Gotas de aquarela que audaciosas pingam no papel e através da gramatura espalham-se sem pressa, lentamente tornando-se uma só. O primeiro retrato a escorrer: Philippe Lejeune. Em seus escritos iniciais: pesquisador universitário e crítico literário que se debruça sobre as questões do gênero autobiográfico. Em seu primeiro livro, *L'autobiographie en France*, há a tentativa de resgatar historicamente este gênero literário no país (além de, como aponta Pace, a militância em firmar o autobiográfico enquanto gênero).

Neste primeiro momento, o pacto autobiográfico é um elemento que distingue a narrativa autobiográfica da ficcional. Lejeune revisita esta conclusão em *Le pacte autobiographique* para afirmar o pacto enquanto o próprio objeto a ser estudado. Ao longo dos anos de escrita e pesquisa, Lejeune passa a não só investigar o gênero autobiográfico, alargando suas definições e suportes, mas a projetar a si mesmo em sua busca. O pesquisador de autobiografias torna-se autobiógrafo e sua crítica, ela própria, autobiográfica.

Há também outro Lejeune que nos é apresentado: o menino de quinze anos que mantinha diários, o leitor de Proust que lê em *À la recherche du temps perdu* todas as linhas que pretendia escrever e que desejava como suas. O segundo retrato: Ana Amelia Pace, a pesquisadora universitária cujo interesse pela autobiografia é despertado logo no início da formação em Letras. Também transborda ao papel

a menina que copiava em fichas as letras desenhadas em placas pela cidade. Estas duas parecem escrever conjuntamente sobre a obra de Philippe Lejeune e não esquecem o menino de quinze anos: levam-no perto, diário na mão. Pingo, então, outra gota aquarela neste papel, uma outra menina, de quem muito lembrei ao longo da leitura desta pesquisa: a criança que eu fui, que da avó ganhou um diário. Longe de ser íntimo, o caderno era toda noite cuidadosamente revisado pela mesma avó, tendo um quê de avaliação. Não posso me esquecer desta menina: ela também está aqui nesta resenha, e estava também, na dissertação; talvez entre o menino e seu diário e a menina das fichas: todos os três de ontem rodeados pelos pesquisadores de hoje.

A leitura da dissertação torna-se, então, uma revisitação às elaborações e aplicações dos conceitos de autobiografia e de pacto autobiográfico, conceitos cuja formulação, ao contrário de restringir-se cada vez mais, abre-se. No segundo capítulo, Pace discute as noções de autobiografia e pacto na obra completa de Lejeune e, no terceiro, apresenta as maneiras de Lejeune ler Rousseau, onde Pace analisa o funcionamento do pacto, aproximando o leitor do conceito por uma via prática. O quarto e último capítulo apresenta o pacto autobiográfico e seus desdobramentos para outros gêneros da escrita de si, concentrando-se nos trabalhos de Lejeune com diários e seu *site* – *Autopacte*.

O autobiográfico não é somente um discurso literário a ser trabalhado, mas um ato discursivo com inúmeras manifestações possíveis: dos *blogs* na Internet ao cinema, o falar de si está presente. Lejeune, em seu percurso crítico, é pesquisador deste vasto campo que se expande a partir de seus pés. Não desvia dos obstáculos dispostos nestas trilhas: abraça-os. As barreiras não impedem que o pacto autobiográfico prossiga, incorporam-se a ele: as lacunas, os fragmentos e a própria ideia (frágil) da intenção de verdade. O pacto não será firmado de início para nunca mais ser pensado: os autobiógrafos irão reformulá-lo, a cada novo obstáculo que surge.

Para o leitor: um texto que se revisita e reconstrói, num exercício que exhibe a escrita sobre o passado no momento presente, pondo em cena o próprio ofício de escrever. Dentre todas estas formulações, Lejeune passa, assim, a ser também um eu escrito, sua crítica torna-se autobiográfica na medida em que explora o autobiográfico. Ana Amelia Pace faz o mesmo, introduz uma escrita autobiográfica, uma crítica sobre a crítica que leva em si o eu que escreve, mas longe de simplesmente mimetizar o crítico que é seu objeto de estudo, o discurso sobre si aparece enquanto movimento fatal, inevitável, do estudo autobiográfico. Isto pois, como pode ser visto já no título da dissertação, não há somente a

leitura no que concerne a escrita de si, há também o *escrevendo* que, na medida em que adentramos o texto, funda um carrossel: lê-se quando se escreve, escreve-se quando se lê. Um jamais dissociado do outro:

Pensar na dimensão criadora da crítica literária desencadeia, além de uma investigação em torno do desejo da escrita, uma tomada de consciência do próprio papel do estudante e do pesquisador em literatura, visto que nos leva a refletir sobre as nossas motivações enquanto parte da produção literária (somos leitores antes de mais nada) e faz nos questionar enquanto agentes de mudança e não apenas observadores e comentadores. (PACE, 2011, p.38)

Passamos, então, a entender o autobiográfico para além da literatura, observando as maneiras que Philippe Lejeune encontrou para explorá-lo: os diários das moças do século XIX, cujo estudo publicado pelo crítico é ele mesmo o diário chamado *Le moi de demoiselles*; as narrativas autobiográficas dos anônimos que as submetem, sob o pacto da verdade, à Associação Pela Autobiografia (APA) e outros estudos sobre a história e o uso que se faz do diário na França.

O que a dissertação dá ao seu leitor, o que senti que deu a mim, também escorre pelas arestas do acadêmico e o expande: trata-se de uma potente vontade de escrever, atizada por cada capítulo, conforme se passeia junto a Pace pela obra de Lejeune. O menino e a menina com seus diários, a menina com as fichas, os autores consagrados que escreveram sobre suas vidas das mais diversas maneiras, os críticos literários que sem cessar buscam perguntas (muito antes de buscarem respostas), os anônimos que doam seus cadernos, os leitores de todos estes, todos personagens vitais da dissertação *Lendo e escrevendo sobre o pacto autobiográfico de Philippe Lejeune*, pois ela nos ensina que não há um sem ou outro, que por vezes podem ser a mesma pessoa, não importa. Entre todos nós, agora, um único pacto: aquele do amor, sem hesitação, pelo ler e pelo escrever.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

PACE, Ana Amelia Coelho. *Lendo e escrevendo sobre o pacto autobiográfico de Philippe Lejeune*. 2012. Dissertação. 172f. (Mestrado em Letras Modernas) – Universidade de São Paulo – USP, São Paulo.